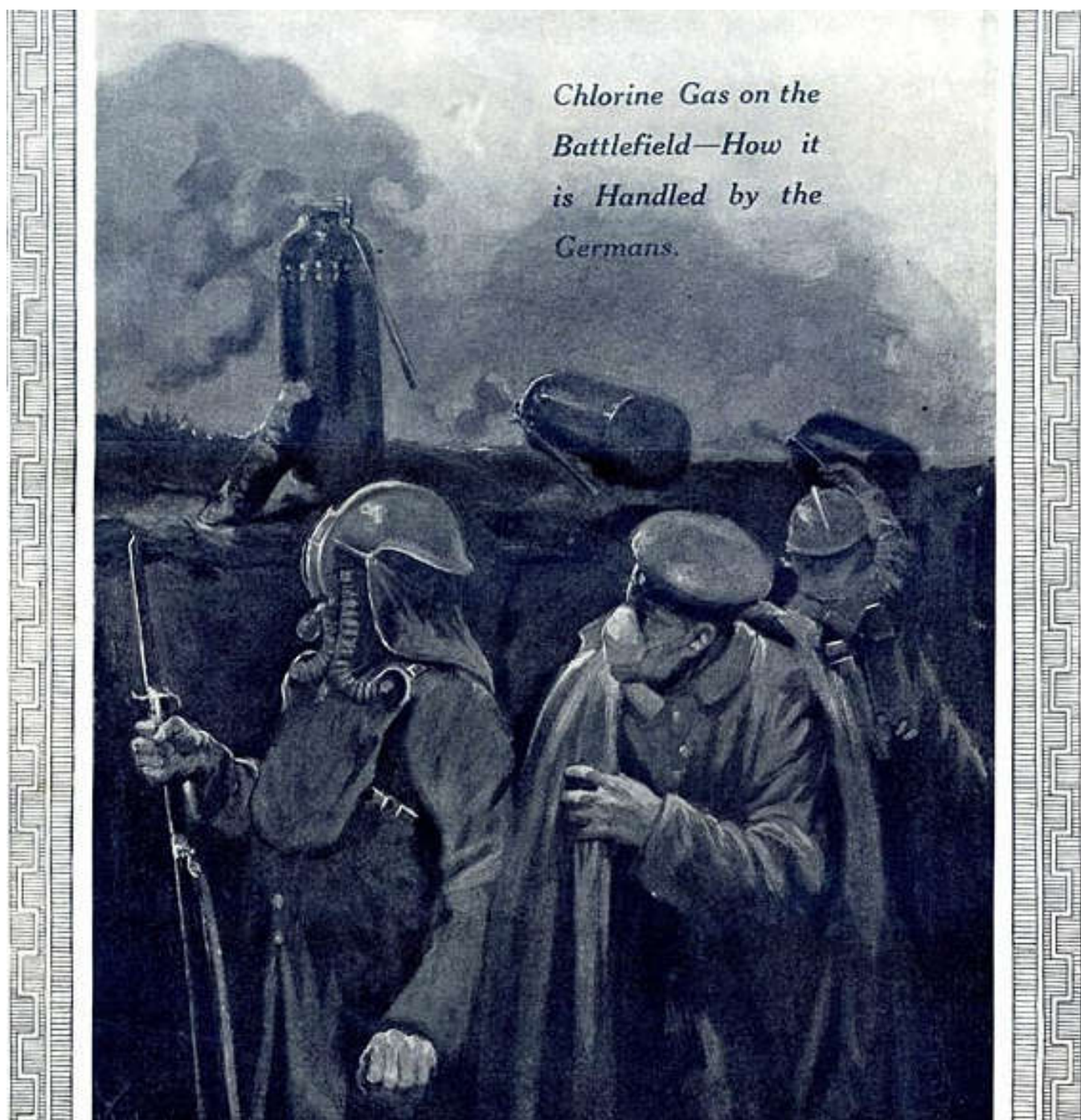


Os Veteranos das Guerras Psíquicas

A história da Psicologia no front da primeira guerra

L. H. Santana



Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santana, L. H.

Os veteranos das guerras psíquicas (livro eletrônico): a história da psicologia no front da primeira guerra mundial / L. H. Santana. -- Santo André, SP : Santana Editora, 2021.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-996853-0-9

1. Guerra Mundial - 1914-1918 2. Psicologia - Aspectos sociais 3. Psicologia - História I. Título.

21-95090

CDD-150.9

Índice para catálogo sistêmico:

1. Psicologia: História 150.9

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-
8/9380



Imagem de Capa: Representação artística de soldados se protegendo de gás cloro, arma química usada durante a primeira guerra mundial. Imagem publicada na Revista Scientific American em 15 de maio de 1915.



Imagem do verso: Representação artística de dois homens em uma trincheira onde muitos combatentes conviviam por meses durante a primeira guerra mundial. Imagem publicada na Revista Scientific American em 09 de junho de 1917.

Luiz Henrique Santana

Os Veteranos das Guerras Psíquicas

A história da Psicologia no front da primeira guerra
mundial

SUMÁRIO

Prefácio

Por que a primeira grande guerra? 08

Capítulo 01

Das caixas problema para os desafios do front: E. L.

Thorndike na Primeira Guerra Mundial 14

Capítulo 02

Wolfgang Köhler, Da Prússia com Amor 19

Capítulo 03

O General de Gabinete: A herança controversa de

Robert Yerkes 28

Capítulo 04

John B. Watson: o meteoro rachado pela guerra

45

Capítulo 05

Das cordas aos gatilhos: melodia, movimentos e a

guerra de Max Wertheimer 54

Capítulo 06

O front de Recrutamento e Seleção de J. R. Angell

na Primeira Guerra 61

Capítulo 07

Theodore Simon, cirurgias, epidemias e a miséria humana no front	66
--	----

Capítulo 08

Bernard Hart, um professor na guerra pela sanidade	74
--	----

Capítulo 09

Helena Antipoff, peregrina entre as marcas da guerra civil e militar	80
--	----

Capítulo 10

Exercícios Didáticos	90
----------------------	----

Pós-fácio

História, Historiografia e a formação do psicólogo	96
--	----

Prefácio

Por que a primeira grande guerra

Luiz Henrique Santana

“A guerra para pôr fim à todas as guerras”.

Foi assim que H. G. Wells referiu-se ao conflito que se iniciava em 1914 que duraria anos e que seria responsável pela morte de 20 milhões de pessoas e feriu outros mais de 20 milhões em todos os continentes e oceanos deste planeta. A primeira guerra mundial, pois fim a um período inédito de paz entre as potências europeias e revelou a face violenta do nacionalismo exacerbado na forma da guerra industrial e total. A sociedade capitalista industrial constituída nos séculos anteriores mostrou no conflito sua capacidade de aniquilação de pessoas, povos, culturas e meios de produção de forma rápida e efetiva.

Ao mesmo tempo, o contraste entre os modos tradicionais de vida e guerra que entremeavam os conflitos de trincheiras eram confrontados com a brutalidade fria que as novas técnicas permitiam. Em meio aos movimentos

meticulosos, lentos e demorados das trincheiras, epidemias, genocídios, e verdadeiros extermínios eram perpetrados. A morte se revelava em todas as suas formas e para todos. Para os acometidos pelo tifo. Os atingidos pelos novos armamentos químicos espalhados como gás pela atmosfera ou pulverizados em gotículas. E até para animas em uso militar, como a tropa de mais de 15 mil soldados turco-otomanos montados sobre camelos que foram assassinados pela marinha britânica na última grande batalha de uma cavalaria na história humana.

As tecnologias da guerra transformaram o mundo. A guerra acelerou as transformações na comunicação em massa pela popularização do rádio e integração de grandes porções territoriais com o telégrafo e, posteriormente, o telefone. A indústria alimentícia se profissionalizaria para garantir o abastecimento de suprimentos. E até as instituições se tornariam espaços mais hierarquizados e impessoalizados em meio à padronização e tecnificação dos processos. As marcas da guerra se contam no número de mortes, mas também no

impacto sobre a vida cotidiana de cidadãos comuns ao redor de todo o mundo.

A psicologia fez parte dessa transformação tanto por sua ação nos novos processos técnicos que a guerra exigia quanto, em alguns casos, pela ação direta no front da guerra. Grandes figuras intelectuais como Donald Winnicott, Ludwig Wittgenstein e outros estiveram nos campos de guerra. Outros, como Bertrand Russel, foram presos como desertores por se oporem ao Estado de Guerra e suas consequências corrosivas ao tecido social. E muitos outros mais atuaram nas frentes de trabalho da guerra, na gestão de pessoas aos cuidados com os feridos e marcados pelas chagas do *front*. Neste livro, tentei trazer a biografia de alguns personagens à tona para estimular o jovem estudante de história da psicologia e das ciências do comportamento e cognição a recuperar uma parte dessas histórias com o objetivo de estimular o aprofundamento sobre as bases sociais da ciência e da profissão do psicólogo bem como o impacto que alguns fatos sociais podem

ter sobre os rumos e peculiaridades de uma ciência mesmo décadas ou século depois.

A primeira guerra viu psicólogos desenvolverem e utilizarem testes psicológicos recém inventados para o recrutamento e seleção de pessoal altamente especializado para a nova guerra tecnoindustrial que se constituía. Contudo, estes mesmos testes seriam utilizados para a naturalização de discursos de segregação e de naturalização de diferenças individuais na forma de discursos e políticas eugenistas que municiariam os movimentos nazifascistas nas décadas seguintes. Foi na primeira guerra que a problemática da definição e padronização dos critérios diagnósticos em saúde mental assumiu proporções epidêmicas, tendo o exército britânico identificado que até 8% dos seus recrutas e até 20% dos seus oficiais sofriam do trauma de guerra (do inglês, *shell shock*). E foi este mesmo exército que viu a proliferação de terapêuticas pouco criteriosas emergirem prometendo a cura definitiva mesmo na ausência de

provas e mesmo de uma compreensão extensiva daquele quadro.

As promessas da guerra moveram paixões e sonhos entre os que não a conheciam, como boa parte dos acadêmicos, que descobriram com os horrores do front e com as frustrações de verem seus planos de carreira e pesquisa postos de lado ou fracassado, uma exposição e pressão que para a jovem ciência da psicologia ainda era inédita. Entre heróis, bandidos e tolos, a guerra sacramentaria o fim de uma era de otimismo quase ingênuo com o futuro e lançaria a humanidade naquele que já foi chamado de o breve século XX, marcado pelos temores da guerra total e da ameaça progressivamente mais real de uma hecatombe ou apocalipse de civilização humana. Um mal-estar que deixaria marcas não apenas na geopolítica global, mas na vida do cidadão comum como se veria retratados no cinema, quadrinhos e nas mídias das décadas seguintes.

Compreender como a psicologia participou, reagiu, liderou e foi afetada pela guerra é um passo

importante para entender como nos vimos divididos entre abordagens clínicas, entre movimentos científicos (como o behaviorismo e a revolução cognitiva), e para compreender o processo de pulverização teórica da psicologia como ciência e como profissão que nos conduziu a crises de replicabilidade que reavivam a discussão sobre práticas baseadas evidência.

Nada melhor do que a história para pôr o presente em perspectiva. No divã. Ainda que Freud não esteja entre os personagens que se lançaram no front. Nos próximos capítulos, eu lhe convido a exercitar o seu espírito questionador e investigador para você mesma(o) construir uma trilha que lhe lance luz sobre o passado. Não pelo caminho da nostalgia, mas pela busca ativa de fontes e evidências que retratem esses homens e mulheres como seres humanos – como eu e você – cujas biografias guardam as marcas tristes do conflito, da doença morte entre o brilho da teoria, da ciência e da profissão da psicologia.